

Habitar Sinuoso: Suape

Ocupação* Carla Lombardo & Ж

Solastalgia MAC- USP

exposição individual: Lucas Bambozzi

A chamada de atenção feita ao corpo pela solastalgia — tanto pelo convite à ocupação quanto à nomeação dessa estranha sensação que já nos atravessava — nos fez revirar a memória, os HDs, a **chuyma**. Essa palavra (aimará) nomeia as entranhas superiores — coração e pulmão — sendo nesse território interior onde ocorrem nossos sentipensares.

A solastalgia — ambas a sentida e a exposta — nos convoca também a voltar e a reelaborar o território de Suape, em Pernambuco.

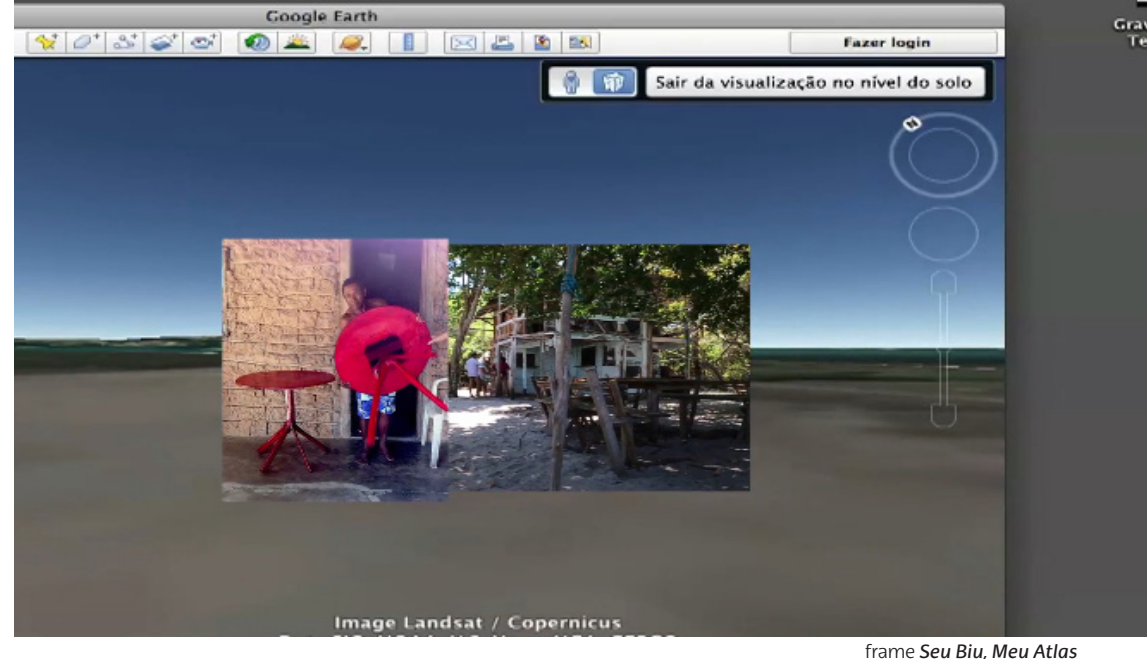
Se é certa a aposta de Paulo Freire de que **“a cabeça pensa onde os pés pisam”** nosso pensar esteve por 10 anos -2013 a 2023 — nesse espaço, transformado em lugar pela teia de afetos, trabalhos e luta ali tecidas. **“[E]spaço na imagem do homem é lugar, e tempo na imagem do homem é ocasião”**. Os trabalhos aqui reunidos — feitos naquele lugar e em certas ocasiões — congregam nosso transitar, os eventos estéticos convocados e ações políticas situadas.

Os 3 primeiros vídeos, que ocupam o instagram, são trechos do filme **Seu Bui, Meu Atlas** (Ж, 7 min, 2017).

Dedicado e protagonizado por Bui, pescador, marceneiro, arquiteto vernacular e amigo. Ele que em nossas inúmeras visitas à ilha de Tatuoca no estuário de Suape em nossas conversas circulares — como os espaços que criava — misturando “natureza” e “cultura”, dizia: **essa árvore é de gelo!**

* instagram @solast_algia

https://www.instagram.com/p/CvhuUuDOxsi/?igshid=MTc4MmM1Yml2Ng&img_index=1

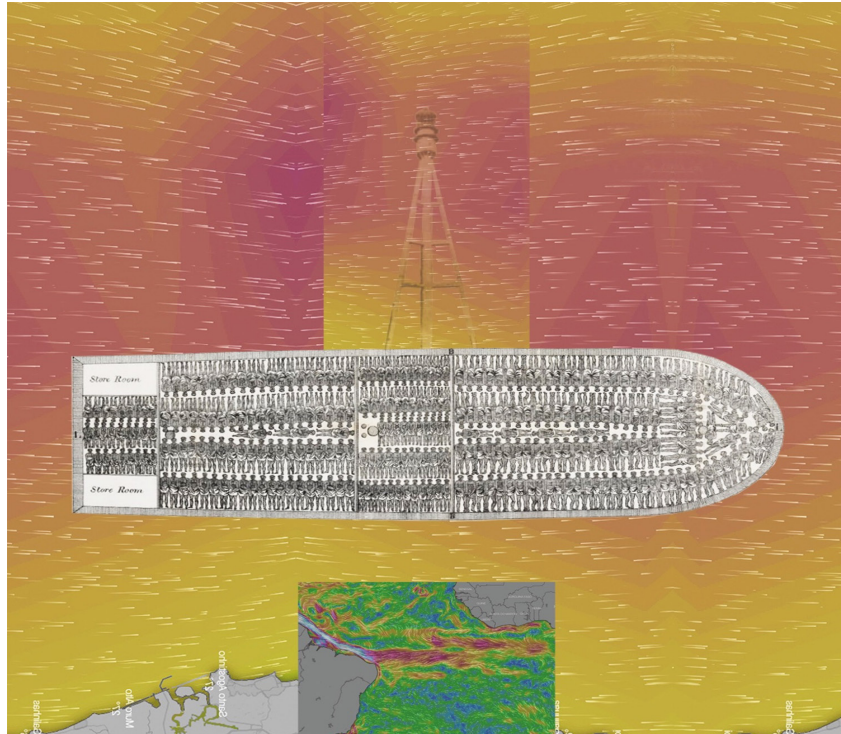


frame Seu Bui, Meu Atlas

Bui, o último resistente à sanha do desenvolvimentismo atroz e caduco perpetrado pela Empresa Suape, não resistiu ao ser removido violentamente dali. Se **“O corpo é o território”** (Beatriz Nascimento), o território é também o “jeito do corpo”. O jeito de Bui não resistiu ao desencanto produzido pelo desvinculo forçado de um e outro, logo depois de sua remoção do território, se encantou. Solastalgia levada ao limite.

Logo, vemos 3 trechos de **Coreopolíticas da terra** (Carla Lombardo, 6 min, 2021) fruto do reencontro com a vivência cotidiana daquele lugar — em contexto pandêmico — logo de anos vividos em São Paulo.

Da reaproximação aquele chão, emerge esta cartografia crítica em que capas temporais superpostas misturam as camadas históricas da colonização-dos navios negreiros e engenhos de cana-, com a fase atual de expropriação capitalista.



frame Coreopolíticas da Terra

Tal pesadelo colonial, esse futuro-passado, que se apresenta diante dos olhos no vídeo e na vida, sugere também q uma percepção — também de inspiração — aimará— de que o futuro às costas não está escrito e nos pode, portanto, surpreender. Assim, ao saber já em 2022 da proposta do Porto da instalação de um terminal de minérios na ilha de Cocaia, vizinha à ilha de Tatuoca, ao corpo-território de Biú. Acessamos a tecnologia ancestral e futura da ciranda infinita. No primeiro vídeo escutamos seus versos compostos ao vento, coletivamente.

No segundo, vemos a dança no magmareial islenho. As fotos trazem a festa, os corpos deitados e vivos, gritam: COCAIA VIVE. A comida, e a luta — celebradas na tradicional Festa da Ouriçada — arrancam alegria, essa pele frágil, e reencantam, na instituição do sonho, a revolta do mar:

*o mar à noite tece arrecifes
as mulheres encantadas dançam nas águas
e sonham a comida do povo*



foto COCAIA VIVE- Ciranda Infinita
Festa da Ouriçada Ilha de Cocaia, 2022



foto COCAIA VIVE- Ciranda Infinita
Festa da Ouriçada Ilha de Cocaia, 2022